

BOOK REVIEW

RESENHA DE LIVRO

RICOTA, L. **Natureza, ciência e estética em Alexander von Humboldt**. Rio de Janeiro. Editora Mauad, 2003, 215p.

Ricardo de Sampaio Dagnino
Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas
ricardosdag@gmail.com

COMENTÁRIOS INICIAIS

Primeiramente gostaríamos de esclarecer como foi realizado este trabalho. Nossa proposta não é resumir o livro de Lucia Ricotta, intitulado “Natureza, ciência e estética em Alexander von Humboldt”, nem tampouco analisar a obra de Humboldt. Nosso objetivo é tecer breves comentários, destacando alguns aspectos que julgamos relevantes ao leitor que venha a realizar a leitura de tal obra².

Para os nossos comentários o que prevaleceu foi a análise crítica do texto. Em última instância, este texto deverá servir para organizar nossas idéias a respeito de Humboldt, além de expandir nossos horizontes no tema da filosofia alemã, principalmente no tema da estética. Dessa forma, procuramos realizar um tipo de fichamento que pudesse servir para outros objetivos futuros, além dos limites propostos para este trabalho, como, por exemplo, constituir um banco de dados sobre o tema. Inclusive prevendo uma consulta que beneficiaria a redação de um outro artigo sobre Humboldt.

Para o presente, resolvemos adotar a seguinte estruturação. Depois desses comentários iniciais, trataremos de introduzir o livro, com um breve comentário sobre a obra, para, em seguida, entendermos o livro, procurando sanar algumas dificuldades de estruturação da obra e levantando os principais pontos. Ao final um curto comentário, encerra o trabalho.

Algumas advertências fazem-se necessárias: 1) nossas citações deverão se concentrar nos trechos escritos por Lúcia Ricotta - deixando para outra oportunidade a transcrição de diferentes autores – assim, os números das páginas entre parênteses referem-se exclusivamente à obra da autora; 2) as citações dos trechos do livro não levarão em consideração os sublinhados da autora, em primeiro lugar pelo fato dela não explicar o motivo de tal recurso visual, em segundo, por que ela própria não parece seguir uma lógica na utilização deste recurso; e 3) procuramos concentrar nos rodapés, as nossas críticas e outros comentários extras.

INTRODUZINDO O LIVRO

O livro de Lúcia Ricotta corresponde a sua tese de doutorado em História social da cultura, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sob orientação do Prof. Luiz Costa Lima. A autora apresenta o contexto histórico em que começam a aparecer os conceitos filosóficos utilizados pelo cientista-viajante alemão Alexander von Humboldt (1769-1859).

Recebido em 11/04/2007
Aprovado para publicação em 10/08/2007

São apresentados três conceitos bastante abordados por autores e pensadores na Alemanha do século XIX. O conceito de natureza presente na obra de Humboldt, não só como teoria, mas como ferramenta para seus estudos de geografia física, botânica, geologia, climatologia, entre outras. E os conceitos de ciência e estética, que estão presentes nos trabalhos práticos de recolhimento, compilação e análise de dados (ciência) e na fase de síntese e apresentação desses dados ao público (estética). Esses dois conceitos foram apenas indiretamente abordados por Humboldt - desenvolvidos em estudos, viagens, correspondências e conversas com amigos -, não resultando em objetos de estudo direto para ele.

Apesar do objetivo do livro não ser apresentado de maneira clara pela autora, devendo ser “pescado” ao longo do texto, como veremos a seguir. Entretanto devemos concordar com as palavras de Luiz Costa Lima que, na condição de orientador da tese de doutorado de Lúcia e de prefaciador do livro, deve ter participado ativamente de sua elaboração. Dessa forma, está correto indicar que ele sabe bem quais são os objetivos do livro.

O orientador da tese aponta o tema abordado por Lúcia, no prefácio do livro. Embora sem querer “discutir o encaminhamento com que a autora enfrenta seu tema”, fica claro que a historiadora tenta mostrar o “contexto de origem” da obra de Humboldt e os diálogos entre o “rico arco de pensamento” que abarcava, na Alemanha, grande parte dos pensadores da época (p. 12).

Lúcia Ricotta não realiza um estudo epistemológico dos conceitos de natureza, ciência e estética. Nas palavras da autora, o trabalho parece estar bem de acordo com o doutorado na área de História social da cultura tratando-se de “fazer uma história da produção científica de Humboldt, a partir de uma visão histórica de construção do contexto intelectual de sua época” (p. 162). Ela levanta inclusive textos ainda não traduzidos para português e faz a consulta de textos de outros autores contemporâneos e conterrâneos a ele. Justifica essa atitude ao dizer que “outros autores, poetas, filósofos da história, etc. serão também exigidos na medida em que permitam esclarecer o emprego, por parte de Humboldt, de um modo específico de representação adequado ao processo de formulação e expressão do conhecimento” (p. 60). Procura realizar, de maneira bastante completa, a contextualização sociohistórica e cultural no “contexto intelectual da Alemanha na passagem do século XVIII ao XIX a fim de demonstrar que os questionamentos de Humboldt” (p. 162).

Assim, o livro alcança seu objetivo toda vez que identifica na obra de Humboldt o espírito da época e a consciência da classe social em ascensão. Além disso, a leitura fica ainda mais interessante quando a autora mostra que os conceitos entram na obra de Humboldt como o resultado de uma inserção deste autor nos meios institucionais acadêmicos (ensino público e privado) e governamentais (funcionalismo público e viagens)³. Tudo isso permite que o leitor informado localize Humboldt como um membro atuante num circuito de grande fertilidade intelectual da burguesia alemã. E até mais do que isso, como um intelectual que enxergava à frente de seu tempo e além do seu espaço.

ENTENDENDO O LIVRO

Pelo fato de desconhecermos a tese que deu origem ao livro, e principalmente porque a autora não se preocupa em indicar o que foi modificado nesta transposição, não podemos afirmar quais foram as alterações e adaptações realizadas no texto original para a divulgação em formato de livro.

³ Nomes importantes da filosofia e da literatura alemã e que aparecem no decorrer do livro são exemplos de como o circuito de Humboldt era bastante diverso: Herder era teólogo; Winckelmann, Fichte e Hölderlin eram professores privados; Kant, Schiller e Schelling eram professores universitários; e Novalis e Schlegel eram funcionários públicos. (Hauser, Arnold. *Historia social de la literatura y el arte*. Tomo 2. Madrid: Guadarrama, 1968. p. 285)

Todavia, é certo que algumas coisas estão faltando⁴. O que realizaremos a seguir é a tentativa de organizar algumas idéias numa pequena aproximação do que poderia servir como uma apresentação do trabalho. Ao mesmo tempo realizaremos as críticas e faremos as sugestões.

O livro é organizado em seis capítulos numerados, sendo o primeiro para a introdução e o último para as conclusões, além disso, são apresentados outros capítulos ou partes separadas, sem numeração: Prefácio, Notas, Bibliografia e Cronologia. Talvez necessite ficar claro que o sexto capítulo (conclusão) possui um item de apêndice (transcrição de trecho de Humboldt) que mereceria um capítulo exclusivo, no final do livro, a exemplo das teses e dissertações em que os anexos e apêndices vão antes da Bibliografia. Assim seria realçada a idéia de que o trecho original do autor deve ser tratado como uma fonte de referência original e não parte da conclusão de Ricotta.

O prefácio apresenta dados essenciais para a compreensão do livro. Em primeiro lugar, pois é aqui, e somente aqui, que teremos uma pista de onde o livro quer chegar, ao expor o tema que propõe abordar. Em segundo, porque Luiz Costa Lima, um conhecedor da obra de Humboldt, nos faz viajar em poucas palavras pelo universo do alemão e traz um pouco da biografia dele. Além disso, este primeiro relato sobre Humboldt já cumpre o papel de localizar o autor no contexto, lembrando sua “fama” pela Europa e Américas, e também, sua admiração por Goethe.

Este capítulo expõe um dado importante que é muito pouco explorado durante todo o livro, e que só volta a aparecer no apêndice, pelas palavras do próprio Humboldt. Trata-se do fato de que ele preferia expor suas idéias de maneira clara, muitas vezes preferindo palestras e conferências como forma de fixar suas idéias (p. 189); por isso Humboldt rejeitava uma atitude bastante comum nos escritores alemães da época que preferiam utilizar uma “linguagem codificada acessível apenas aos iniciados” (p. 12).

O primeiro capítulo corresponde à introdução e é dividido em cinco sub-capítulos. No final dela é que temos, através das palavras da autora, uma idéia de aonde se quer chegar. No penúltimo item ela diz que: “um dos propósitos dessa introdução é diferenciar a física cósmica de Humboldt da filosofia primitiva do cosmo” (p.59). Depois, no quinto, ela deixa claro que seu trabalho consiste, basicamente, em encontrar na obra *Kosmos* os fundamentos de um método de trabalho de característico de Humboldt. Um método que pretende associar o conhecimento e a ciência (pensar e fazer) com a estética e a representação (provar e mostrar). Em outras palavras: “um modo específico de representação adequado ao processo de formulação e expressão do conhecimento” (p. 60).

Ainda na introdução temos uma amostra das idéias de Humboldt exemplificadas por quatro transcrições, duas de uma versão do *Kosmos*⁵, que será bastante citada ao longo de todo livro, e duas citações de outro livro⁶. O que parece é que “esta nova noção de Cosmos” ou, simplesmente, o *Kosmos* constitui-se na proposta de alcançar um objetivo planejado que, antes, com a filosofia primitiva, era alcançado por instinto. Humboldt é considerado por Ricotta como um “cientista preocupado com a forma de tratamento da linguagem e seu efeito” (p. 17), e que, provavelmente,

⁴ O livro não possui um capítulo ou item que seja realmente introdutório ao assunto, nem possui um item que possa explicar o enfoque adotado ou a forma de abordagem do tema, nem mesmo uma explicitação sobre a maneira como o livro foi estruturado e os assuntos divididos e subdivididos.

⁵ Por causa dessa repetição preferimos colocar aqui a referência completa: HUMBOLDT, A. *Kosmos, a für die Gegenwart baerbeitet von Hanno Beck*. Stuttgart: Brockhaus, 1978.

⁶ A autora não coloca a referência completa deste livro na bibliografia final. A única informação que temos para as duas citações é a que está nas notas 4 e 5, onde se lê, respectivamente HUMBOLDT, A. Vorrede zu ersten Ausgabe, 1987, p. XI.; e Id. Vorrede zu zweiten und dritten Ausgabe, 1987, p. IX. Perceba-se que aparecem dois nomes diferentes para o que deveria ser o mesmo livro, o que confunde ainda mais. Veremos mais adiante como a ausência de referências é um lapso que se repete ao longo do livro, o que dificulta a conferência das obras originais e impede que o próprio livro de Ricotta seja utilizado como obra de consulta.

pretendia realizar conscientemente, ou repetir, um tipo de divulgação simplificada e acessível, muito utilizada pelos gregos.

No primeiro sub-capítulo percebemos a maneira como a autora se dedica aos assuntos da história da literatura e da arte alemãs, ligando-as à cultura grega e expondo relatos de viagens de Goethe e Winckelmann. Aqui se faz referência aos estudos culturais de Wilhelm von Humboldt⁷, que muito contribuiu na proposta de divulgação científica simplificada do irmão viajante. Este sub-capítulo torna-se ainda mais interessante ao compreendemos que os autores citados nele - Wilhelm, Goethe, Winckelmann e Schelling - pertenciam a um circuito que abrangia importantes nomes da cultura alemã, como já foi exposto no prefácio por Costa Lima. O estudo desta correlação torna-se ainda mais interessante quando a autora fala em *Bildung*⁸, um “instrumento cultural ligado à autodeterminação política da nação” (p. 37) e também ligado ao dever atribuído à burguesia alemã na “construção de uma identidade nacional” (p.36).

No segundo, a autora pretende mostrar com mais objetividade em quais pontos a estética dos pensadores alemães modernos está diretamente ligada a uma herança dos gregos (p.38-45). Para esta tarefa Lúcia Ricotta se apóia demoradamente nos estudos de seu orientador, Luiz Costa Lima, e termina por deixar que o leitor conclua sobre as relações de Humboldt com o pensamento grego. Lembra que “ele era um daqueles homens que não acreditava numa ciência autônoma, auto-reguladora e autocontida”, o que nos parece presumível, apesar da autora não deixar claro, até mesmo por que “seu ofício dominante, o de cientista-naturalista” não permitiria que fosse de outra forma (p. 45). A ligação de Humboldt com os gregos fica ainda mais clara quando diz que: “Para ele, o processo cognitivo da humanidade só avançava quando o intelecto e sensibilidade atuavam de modo indissolúvelmente unido, como um todo” (ibidem).

Nas páginas seguintes ela sugere uma relação muito próxima entre o pensamento de Humboldt e o pensamento de dois alemães, Hölderlin e Schlegel, pertencentes ao mesmo circuito que Humboldt. Esta relação muito contribuiu no desenvolvimento de seu ponto de vista “romântico-classicista” ligado aos gregos (p. 49-51).

O quarto item é um importante passo no entendimento das relações do cientista com os gregos ao fazer menção ao eterno devir de Heráclito e o pensamento mágico de Nietzsche (p. 58) como indiretamente presentes na obra de Humboldt. A autora avança bastante ao propor uma leitura das obras, a partir de “sua relação com o pensamento arcaico grego (...), na medida em que este fundamenta a idéia de uma unidade por detrás da diversidade dos fenômenos, uma harmonia ligando todas as coisas criadas, um grande todo” (p. 52).

O último sub-capítulo da introdução traz um belíssimo trecho da primeira página, do primeiro volume do *Kosmos* (p. 60) Humboldt diz que ao “desenvolver o conjunto dos fenômenos físicos do globo e a ação simultânea de forças que animam os espaços celestes” e na tentativa de compilar isto tudo que havia captado nas suas viagens, deverá evitar duas coisas: de um lado, a abordagem “enciclopédica e superficial” tão presente nos relatos dos viajantes da época, e de outro, “fatigar o espírito com aforismos que só ofereceriam generalidades sob formas áridas e dogmáticas”. No

⁷ A autora não anuncia que se trata do irmão do cientista-viajante, simplesmente vai colocando suas teorias de cultura e linguística. Trata-se de provavelmente uma boa oportunidade desperdiçada de ligar dois expoentes nomes (com o mesmo sobrenome) da ciência alemã. Até mesmo a cronologia apresentada ao final do livro contribui para a confusão, pois lá damos conta de que Alexander von Humboldt também é Wilhelm. Na verdade o nome completo dele é Friederich Wilhelm Karl Heirinch Alexander von Humboldt. Só muito mais adiante, respectivamente, nas notas de rodapé 164 e 180 é que a autora admite a existência de dois Humboldt irmãos e, depois, que Wilhelm era o irmão do nosso Humboldt.

⁸ Apesar do texto infelizmente não apresentar uma tradução para a palavra alemã *Bildung*, algumas pistas são dadas pela autora ao lembrar os trabalhos de Aleida Assmann. Através das pistas podemos entender *Bildung* como uma identidade cultural nacionalista estreitamente ligada à autodeterminação política (p. 36-37). Algo muito presente na construção do nazismo, anos mais tarde, com uma grande contribuição do modernismo reacionário da república de Weimar.

mesmo trecho diz que se “a natureza é o reino da liberdade” e se, no trato da natureza através das palavras, a “aridez nasce frequentemente da concisão” e do desejo de compreender uma multiplicidade de objetos de uma só vez que “conduz a uma falta de clareza e de precisão no encadeamento das idéias”. Sendo assim o uso da linguagem no relato das experiências do cientista-viajante deverá ser livre, bem como a natureza que propõe captar⁹.

O segundo capítulo é dividido em cinco sub-capítulos e traz muita informação sobre Humboldt e sua forma de pensar¹⁰. Um cientista sensível que, ao propor “a indissociabilidade entre corpo, real e mente”, procura posicionar o leitor no meio da “consciência do mundo” (p. 64). Aí temos bem nítida a herança do pensamento de Kant, com a percepção e intuição da natureza traduzida no simbólico e no mimético, uma “ciência que começa e acaba em imagem”, mas sempre relativizada pelo ponto de vista do sujeito (p. 66). Através do ponto de vista (*standpunkt*) do observador a natureza poderá ser captada em sua totalidade, é o que veremos mais adiante. Por enquanto fiquemos com apresentação daquilo que é captado.

O primeiro sub-capítulo fala um pouco de como Humboldt faz a apresentação (*darstellung*) das suas idéias e experiências, de como “sua idéia de ciência é indissociável da forma escolhida para apresentá-la” (p. 69) Humboldt possui uma preocupação estética bastante latente, não só pela própria conceituação de Kosmos: “conjunto dos entes entre o céu e a terra, e princípio que ordena e harmoniza seus elementos” (p. 68); mas também na sua disposição pela aventura de ver e experimentar o mundo imaginado através das leituras dos livros, a exemplo de Goethe que foi visitar o cenário da Odisséia de Homero, na Itália (p. 32). Entretanto deve ficar claro que as preocupações estéticas de Humboldt são diferentes das de Kant, seu grande amigo que nunca saíra da cidade natal e era afeito à ciência de gabinete¹¹.

Humboldt não é afeito às piruetas lingüísticas, como muitos dos seus conterrâneos. Apesar de existirem críticas ao jeito difícil de se expressar, elas nunca ficam evidentes nos trechos selecionados por Ricotta. Apenas com as palavras de Humboldt é que isso fica claro¹²: “Quanto mais sublime o objeto, mais cuidadosamente deverá ser diminuído seu ornamento de discurso” (p. 21).

Mais adiante Lúcia Ricotta deixará isto um pouco mais claro. Ela diz que “a ciência demasiado axiomática e especulativa daqueles filósofos idealistas” aborrecia seu espírito poético e aventureiro, dado que Humboldt, enquanto cientista-viajante: “Descrevia desde cenas sublimes da Natureza até o mais prosaico catálogo de medidas, posições, estatísticas, etc. Nunca foi um intelectual de gabinete; tinha os pés no chão, e ótimas concepções sobre o universo” (p. 125).

O segundo sub-capítulo traz a idéia de que a ligação entre o pensamento mágico e/ou místico de Humboldt é herança de sua ligação com outros filósofos pertencentes ao circuito de efervescência cultural da época. Humboldt aproveitou as “idéias de absoluto” e de “sistema da arte” propostas por Schlegel e Novalis (p. 73).

⁹ As palavras finais deste trecho dizem: “A natureza é o reino da liberdade e para pintar vivamente as concepções e os prazeres que faz nascer um sentimento profundo da natureza é preciso que o pensamento possa se revestir livremente assim dessas formas e dessa elevação da linguagem, que são dignas da grandeza e da majestade da criação”. HUMBOLDT, A. *Cosmos: Sketch of physical description of universe*. Baltimore e London: The John Hopkins University Press, vol. 1, 1997, p. 1. (apud RICOTTA, 2003, p. 60)

¹⁰ Este trecho é tão rico em citações e tão rico de idéias da própria autora que nos permite pensar se não caberia desenvolver o assunto em outro livro, ou se os outros capítulos não deveriam ser extraídos do conjunto, tal é o efeito de eclipse que o capítulo dois infringe aos outros.

¹¹ Concordamos com a autora quando, na página 69, argumenta que: “Humboldt é, na acepção goethiana, um cientista-artista ou um artista dominado pelas quimeras científicas e filosóficas. Buscava conexões com a filosofia de sua época, mas, a propósito, era artista e aventureiro demais para ficar parado no gabinete e no pensamento puramente especulativo”.

¹² O livro que contém este trecho consta na nossa nota 3. A página de onde ela foi extraída é a 250.

Feito isso a autora aborda, no item seguinte, a linguagem como condição de “mediação possível entre ser e pensar, sujeito e objeto ou consciente e inconsciente” enquanto parte de um “sistema do idealismo transcendental” (p. 74). Identificando indícios na obra de Humboldt dos “ecos do idealismo de Schelling” que, ao resgatar “um tempo em que a ciência tinha partido da poesia”, prefere utilizar uma concepção totalizante da natureza e realiza a apresentação (*darstellung*) estética e lingüística rica em simbolismos (p. 75).

Pois é neste ponto que o livro merece dedicada atenção do leitor. A autora fala da “visão holística” (p. 75) para só mais tarde desenvolver o tema. A proposta de Schelling, para a Filosofia da Arte, ressaltando o papel da síntese - onde o particular e o universal são uma e a mesma coisa - resultará na linguagem simbólica. A síntese é uma contraposição ao esquemático e ao alegórico, que privilegiam, respectivamente, o universal ou o particular (p. 77). Parece-nos que esta é a tentativa de Humboldt, sintetizar dois olhares – o do telescópio e o do microscópico - ao mesmo tempo e no mesmo ponto de vista; enfim, um ponto de vista holárquico atento ao trânsito multi-escalar.

Embora, no texto de Ricotta, a “visão holística” não receba uma conceituação e nem seja tratada de maneira particular, podem-se tomar alguns exemplos do holismo enquanto pano de fundo para outras discussões. Este é o caso de quando admite que o “*standpunkt* possibilitou o espelhamento entre o real e o ideal, o particular e o universal, o espírito e a matéria, o sensível e o inteligível” (p. 78). Ora, isso parece nada mais do que o reforço da “visão holística”, pois o ponto de vista (*standpunkt*) e a posterior apresentação (*darstellung*) dos estudos de Humboldt, ambos apoiados no holismo de Schelling, funcionam como um exercício eminentemente geográfico de análise espacial multi-escalar¹³.

As duas últimas partes deste segundo capítulo mereceriam a mesma - ou até maior - atenção do que a dedicada ao trecho anterior, entretanto nos restringiremos à apenas breves comentários. As vinte e duas páginas que cobrem este final do capítulo trazem longas citações da obra de Humboldt, seja no próprio corpo do livro (seis grandes trechos), ou espalhadas pelas notas (cinco), fazendo com que o leitor tenha que, somente neste espaço de vinte e poucas páginas, ir diversas vezes ao final do livro para consultar as referências do personagem principal do livro¹⁴.

Deste trecho o que marca mais é a continuidade da abordagem sobre o ponto de vista (*standpunkt*), ainda que com certa dificuldade. Esta dificuldade, talvez inerente a uma formação da autora, mais voltada para os problemas temporais, não permite que ela avance na abordagem multi-escalar, tão necessária na nossa formação de geógrafos. Ela arrisca em parafrasear Humboldt, chamando de “trânsito”, o movimento de “ver através de uma perspectiva ótica no espaço”, fazendo uso da visão “afastada e distanciada tanto pela altura quanto pela largura desse horizonte que se amplia” (p. 79), ou mesmo “do próximo para o distante, da terra para o céu” (p. 80)¹⁵.

O que parece é que a dificuldade de Lúcia Ricotta em definir e compreender os conceitos de escala e holismo, e por último, o “trânsito” – entendido como o movimento da “cosmovisão” adotada por Humboldt, aplicando um movimento capaz de unir e/ou sintetizar as duas coisas – não deverá comprometer o desenvolvimento do trabalho. Por ato reflexo, algo talvez mecânico e

¹³ Em inúmeras passagens do texto fica clara a idéia de que a autora entende muito pouco da predominância das relações de escala na percepção do espaço, dos ambientes e da paisagem. Nesta passagem, em particular, seria importante reler a citação de Humboldt sobre o *standpunkt*, mas só que agora tendo em mente o jogo de escalas (particular e universal, micro e macro) tão próprio da geografia, e que fica muito evidente na passagem de Schelling destacada pela autora.

¹⁴ Podemos concordar com a autora sobre o tema, mas é preciso que se diga que o personagem principal desta história, o motivo maior que nos levou a buscar a leitura de Ricotta, nunca deixou de ser o bom e velho Humboldt.

¹⁵ Note-se que ainda aqui, e até o final destas vinte e poucas páginas, o grande impulsionador do debate é a citação que abre o capítulo (p. 63) e que, na ordem da obra original de Humboldt, precede todas as outras citações.

inconsciente, a autora consegue desenvolver o texto sem necessitar desta conceituação – quem sabe, sem perceber que nisto reside o grande passo dado por Humboldt.

Mais adiante, a autora se equivoca num detalhe. Ao dizer que “Humboldt substitui o estado de desunião entre as duas regiões do céu e da terra, como superior e inferior, por uma dupla e paralela direção, espacializando o olhar, para cima e, depois, para baixo” (p. 86). Isto não é de todo verdadeiro, tanto que na mesma página pode-se ler uma citação de Humboldt sobre a “pintura do universo” que mostra que a proposta mágica de Humboldt não é olhar pra cima e depois pra baixo, mas olhar pra cima e pra baixo ao mesmo tempo.

O segundo capítulo termina enfatizando as estreitas relações intelectuais entre Humboldt e Goethe. Muitas delas realçam a presença do holismo, e a herança alquímica, particular à obra de Goethe, em seus estudos sobre as cores e sobre a mutação das plantas. Captamos algo do italiano Tomás de Aquino, teólogo bastante ligado aos estudos da Alquimia e que depois foi santificado, principalmente no texto de Goethe, talvez em decorrência da aproximação do alemão à cultura da Itália, em decorrência de suas viagens. Goethe diz que “o que está dentro está fora” (p. 98), o que lembra em muito os estudos do italiano.

O capítulo três contrasta com os anteriores em termos de citações¹⁶. Na realidade são apenas duas citações de Humboldt, uma que faz parte das correspondências trocadas com Schelling, e compiladas por seu biógrafo Bruhns, e outra citação que é um pequeno parágrafo, de outro livro, e que recebe por parte de Ricotta um adendo sobre o discurso de Schelling sobre a arte. De maneira geral percebe-se que a relação do pensamento dos dois está bastante presente neste capítulo, e esta citação acaba servindo muito bem de exemplo para percebermos a “maneira pela qual (...) ambos chegam a entrosar-se na tradição de uma forma de fazer ciência” (p. 109).

A autora traz a questão da “matematização do mundo” em pelo menos dois momentos. Primeiro ao lembrar do contexto histórico que a Alemanha se encontrava, onde “reinava o desencantamento com o pensamento metafísico e o desprezo com relação às promessas de matematização do mundo” (p. 107). E depois, como uma reafirmação do espírito naturalista que através do simbólico e do poético dispensa a essa matematização (p. 119).

O quarto capítulo pode ser considerado como o momento da discussão teórica e filosófica, sobre as motivações que levaram Humboldt ao uso de determinada linguagem na apresentação de suas idéias e experiências. A autora traz, a exemplo do capítulo dois, um rico material de consulta da obra do próprio Humboldt¹⁷.

Humboldt era afeito à linguagem própria dos naturalistas, que assim como ele, eram cientistas-viajantes. Motivados pela experiência com diferentes culturas através de “suas vivências extra-cotidianas” (p. 139) e “ao empregarem o ilimitado da imaginação, recriaram uma face mágica da Natureza” (p. 149). A autora chega a atribuir a ele certa “forma antropológica” de fazer ciência (p. 143), talvez pela atitude relativista que o autor trabalhava, embora saibamos que a antropologia da época era bastante ligada a etnografia era repleta de determinismos geográficos e raciais, e, portanto, bastante distante do relativismo ou possibilismo cultural.

Além disso, este capítulo demonstra seu valor ao desenvolver temas como a cosmovisão e o pensamento totalizante da natureza defendidos por Humboldt, dentro de um contexto histórico que defendia o contrário. Grosso modo, o que a burguesia alemã defendia era a compartimentação dos saberes e não a transdisciplinaridade de Humboldt. Ao propor a “popularização da ciência”, Humboldt rompe com os “estreitos limites das academias científicas” (p. 148) e “empenha-se em

¹⁶ Na página 133 tem uma grande citação de Locke, em inglês. É a única parte do livro que traz uma citação completa em língua estrangeira. É uma pena que nem mesmo os trechos originais e raros de Humboldt tenham recebido tamanha deferência.

¹⁷ São doze citações de Humboldt, onze pertencem à mesma obra referenciada na nota 3, a referência da outra citação não está na bibliografia final de Ricotta, um lapso que repete algumas vezes. Devemos ainda comentar que na página 158 existe uma longa citação sem referência alguma, nem o autor é lembrado.

descrever a visão de um ponto geográfico privilegiado a partir do qual o leitor ou o viajante possa contemplar” (p. 152-153).

No quinto capítulo a autora se dedica a traçar um paralelo entre a vida de viajante e a opção pela linguagem poética, para concluir que ele possuía um pensamento romântico. O enquadramento de Humboldt enquanto ligado ao pensamento romântico fica claro quando Ricotta diz que sua obra nos leva “a caracterizar como romântico o modelo do pensamento científico de Humboldt em que a observação do fenômeno empírico corre paralela ao apreço pelo ideal” (p. 183). Em grande parte, isto é resultado de seu ponto de vista geográfico desenvolvido através das andanças. Assim, “quanto mais viagem no sentido de formação, maior é a dimensão antropológica [diríamos, relativista] do conhecimento” (p. 170) além do fato que “o relato de viagem constitui uma forma representacional do mundo, estimuladora de técnicas de mediação e compensação” (p. 165), ainda mais em se tratando da “linguagem viva” exercitada por Humboldt (p. 166).

Finalmente o tema, anteriormente tratado, de compartimentação da ciência volta no final desse capítulo, para deixar a última impressão sobre os trabalhos de Humboldt, quer dizer, se tivéssemos que escolher uma característica marcante nos seus relatos, essa característica seria o holismo com que enxergava a ciência e a vida. Achamos interessante transcrever as passagens, em que Luisa Ricotta deixa isto claro:

“Numa época em que o desenvolvimento intelectual da humanidade propiciava a emergência das ciências autônomas e particulares, Humboldt configura uma região limiar entre a ciência, a Filosofia da Natureza e a história da ciência, entre ciência e cultura geral e popular, entre ciência natural e arte” (p.183).

Pois, mesmo que “embora Humboldt percebesse a separação crescente entre as disciplinas particulares – que se verificava em meados do século XIX -, tinha a convicção de que a redefinição e reformulação de seus limites nunca constituiriam obstáculo para a reunião de tudo aquilo que tratasse de explicar o grande sistema da Natureza” (p. 182).

Mais duas coisas chamam a atenção neste capítulo. Uma é a idéia dos efeitos psicológicos benéficos que as viagens possuem. Principalmente quando comparamos as histórias de vida de alguns autores, como a vida de Kant, “um alemão sem compensações”, e a dos irmãos Humboldt, Goethe e Winckelmann que, ao contrário de Kant, “formaram seus espíritos através das viagens empreendidas por diversos países” (p. 168).

Outra é o conceito de Natureza em Humboldt, aqui apresentado por Ricotta, na tradução do original, através da seguinte citação¹⁸: “A natureza é, para a apreciação reflexiva, unidade na diversidade, ligação das formas misturadas e variadas, síntese das coisas naturais e das forças naturais, como um todo vivo” (p. 178).

A conclusão, no sexto capítulo, deixa claro o intuito indiretamente perseguido pela autora de encontrar quem, entre Goethe e Schelling, contribuiu mais para os objetivos de Humboldt. Isto fica ainda mais evidente quando admite uma estratégia até aqui apenas intuída pelo leitor, de que os dois autores foram “postos nos dois pratos da balança”, de que “Humboldt foi posto entre Goethe e Schelling”; e concluindo que, ao final da peleja, “avulta sobretudo a figura de Schelling” (p. 186).

Pensamos que esta atitude de polarizar os dois autores, é exagerada e contraproducente. Uma posição que não nos permite compartilhar da conclusão de Lúcia Ricotta. Esta posição é criticada por nós com base em dois aspectos. Em primeiro lugar, trata-se de uma atitude maniqueísta, pois tenta colocar um pensador contra o outro, como se eles devessem estar separados, cada um de um lado da balança. Uma atitude que, de forma alguma, corresponde ao espírito totalizante que Humboldt tanto gostava. Em segundo lugar ela parece reduzir ou menosprezar a presença de um

¹⁸ Lúcia Ricotta apresenta duas versões de tradução para o mesmo trecho, que foi extraído da terceira página do livro citado na nossa nota 3. Preferimos usar aqui a segunda tradução, pois parece ser a mais completa.

em contraponto à ausência de outro. Parece-nos um reducionismo, dado que a presença dos dois na vida de Humboldt talvez fosse igualmente importante. Schelling pode ter fornecido um arcabouço filosófico teórico, sem dúvida, bastante válido. Entretanto as contribuições indiretas que os relatos de viagens de Goethe e os bate-papos entre ele e os irmãos Humboldt podem ter deixado marcas em outras áreas, um pouco menos rígidas, da mente do cientista-viajante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui pretendemos comentar algumas observações que foram despertados ao longo do texto. Em primeiro lugar chama à atenção a falta de um fio condutor que pudesse amarrar melhor a trama, que fizesse a ligação entre os capítulos e que desse uma direção ao trabalho. A descontinuidade no desenvolvimento dos assuntos e no encadeamento dos capítulos está presente desde o princípio da leitura, quando percebemos que não existe um texto introdutório.

Em segundo lugar, algumas opções estilísticas bastante particulares da autora tornam a leitura cansativa, em diversas ocasiões. As palavras, às vezes, orações inteiras, sendo sublinhadas sem motivo aparente ou mesmo citações inteiras recheadas de palavras em alemão ao lado do português. Mas nada mais cansativo do que as adjetivações. Elas empobrecem a argumentação ao substituir o provável desenvolvimento do tema por uma lembrança de que o substantivo está presente na oração tentando validar o argumento.

À exemplo dos usos bastante comuns deste artifício, para nomes famosos e de uso consagrado, como Newton (newtoniano), Marx (marxista), Kant (kantiano), a autora, numa verdadeira ginástica intelectual, resolve que o ponto de vista de Schelling vira “perspectiva schellingiana” (p. 76) o de Winckelmann vira “perspectivismo winckelmanniano” (p. 193, nota 18) nem mesmo um trecho de Walter Benjamin escapa, sendo chamado de “passagem benjaminiana” (p. 202, nota 173).

Mas o que realmente incomoda é a adjetivação de Humboldt. Contamos quarenta e cinco diferentes usos para a palavra humboldt, que deixa de ser um substantivo, um nome próprio, e torna-se adjetivo para o mais variado gênero de palavras¹⁹. Eis alguns exemplos, seguidos das páginas onde eles aparecem pela primeira vez: “dificuldade humboldtiana” (p. 17), “(re)solução humboldtiana” (p. 111), “cosmo humboldtiano” (p. 102), “cosmovisão humboldtiana” (p. 120), “cosmologia antropocêntrica humboldtiana” (p. 174), “conhecimento da natureza humboldtiano” (p. 120), “mente filosófica humboldtiana” (p. 133), “síntese harmônica humboldtiana” (p. 137), “*darstellung* humboldtiana” (p. 72), “*ordnung* humboldtiana” (p. 103) e, a mais repetida de todas, “ciência humboldtiana” (p. 62).

O terceiro ponto observado é a falta de atenção, ou talvez defeito de impressão, na parte da bibliografia. Sabemos que existem problemas de financiamento, edição, impressão etc. e que, sob responsabilidade dos editores, nem sempre esses assuntos merecem a devida atenção. Porém, para um livro desta envergadura, a ausência de correlação entre as citações ao longo do texto e a bibliografia no final do livro torna-se um erro grave²⁰. A própria autora lembra, em determinado momento do livro, que chamava a atenção de como os trabalhos de Humboldt eram ricos em referências bibliográficas. Ao impossibilitar que o leitor busque no original as suas próprias conclusões, o livro torna-se um entrave aos interessados na obra de Humboldt.

¹⁹ O que pode levantar dúvidas no leitor sobre até que ponto Humboldt influenciava seus contemporâneos ou influenciou uma escola depois dele. Se admitirmos a existência de uma ciência “humboldtiana” é porque esta deve ser diferente das outras ciências ou que o modo de fazer ciência de Humboldt é significativamente diferente do modo dos outros. E não é isso que temos. O que se vê é que as atitudes e o pensamento de Humboldt são bastante semelhantes ao de seus pares e que até hoje os escritos dele nunca foram superados, seja pelo teor poético ou pelo científico.

²⁰ A título de nota, os livros que estão com a referência incompleta são os que constam nas notas 33, 152, 224, 299; além das duas citações de Humboldt, anteriormente mencionadas, que se encontram nas notas 4 e 5 do livro.

Concluindo este texto sugeriríamos que para fins de pesquisa o leitor fosse buscar diretamente nos capítulos 2, 4 e 5, o que há de mais rico nos trabalhos de Humboldt e sua posição no contexto histórico. Nestes capítulos a riqueza das informações salta aos olhos. Poderíamos até dizer que ali é que está o livro, o resto é resto. O resto parece ser parte de uma tentativa de Lúcia Ricotta em falar mais bonito que o próprio Humboldt.